

Viver (n)a Cidade

A Natureza, hoje, é a Cidade.

R. BARTHES

Fragments de um Discurso Amoroso

Ao ser convidado para organizar um número da revista PSICOLOGIA dedicado à temática da Psicologia Ambiental, deparei com algumas dificuldades em decidir exactamente o que fazer. Por um lado, seria extremamente interessante dispor da oportunidade para apresentar aos colegas portugueses, de uma forma mais ou menos sistematizada, todo um domínio de pesquisa e intervenção que é desde há vinte e cinco anos alvo de um extraordinário desenvolvimento em múltiplos países, cobrindo uma vasta gama de áreas teóricas e aplicadas, com milhares de artigos e dezenas de livros produzidos por ano, várias revistas científicas especializadas e algumas associações internacionais dedicadas a esse domínio. A própria extensão dos domínios de aplicação da Psicologia Ambiental, prolongando-se desde o estudo das transações entre condições físicas, psicológicas e sociais do desenvolvimento humano, até à escala do estudo e planeamento dos ambientes construídos em larga escala, impossibilitaria que PSICOLOGIA pudesse abarcar de uma penada toda a riqueza e complexidade dos progressos já realizados ou em curso. O recentemente publicado Handbook of Environmental Psychology, com as suas 1700 páginas, dois volumes e 43 capítulos, constitui a mais ousada tentativa jamais empreendida neste domínio, e o leitor é remetido para a consulta desta obra fundamental⁽¹⁾.

Por outro lado, seria verdadeiramente espinhoso reunir um número suficiente de trabalhos produzidos por psicólogos portugueses, dentro deste domínio. A primeira introdução formal a temas de Psicologia Ambiental alguma vez verificada nos curricula de formação dos psicólogos portugueses aconteceu no ano lectivo 87/88, no âmbito do Mestrado promovido pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; e a única instituição que desde há 10 anos tem vindo a promover activamente a investigação em Psicologia Ambiental no nosso país, tem sido o Laboratório Nacional de Engenharia Civil. O panorama nacional não se afiguraria portanto favorável à produção de um número desta revista que não viesse a repousar essencialmente sobre contributos de colegas estrangeiros.

Campos particulares existem, todavia, susceptíveis de proporcionar um mais amplo envolvimento de investigadores nacionais, nomeadamente aqueles em que a colaboração multidisciplinar se impõe com maior premência. É sem dúvida esse o caso de todos os fenómenos ligados à vida

(1) D. Stokols e I. Altman (Eds.), *Handbook of Environmental Psychology*, Wiley, N. Y., 1987.

urbana, nomeadamente o planeamento dos espaços construídos e o estudo dos seus humanos impactes.

A Cidade representa o meio ambiente por excelência onde uma proporção crescente de pessoas vive o seu quotidiano: na Europa 40% da população vive em meio urbano, nos Estados Unidos 70%, e no conjunto mundial a proporção da população vivendo nas cidades aumentou 40 vezes desde os primórdios da Revolução Industrial. Esse crescimento continua a verificar-se ao ritmo de 6% ao ano, atingindo 10 a 12% nalgumas cidades do Terceiro Mundo. A Cidade constitui assim um desafio extremamente complexo, colocado a uma vastíssima gama de técnicos e cientistas ligados à sua edificação, planeamento e humanização — e às próprias populações urbanas, que devem ser (e são-no felizmente em muitos casos) cada vez mais mobilizadas para participar na estruturação e organização dos seus espaços e modos de vida urbana, num processo de diálogo entre técnicos, decisores e moradores que se revela ser condição imprescindível para a optimização das soluções e minimização dos disparates (quando não verdadeiros atentados à qualidade de vida).

Se é certo que existe um domínio designado por Psicologia Ambiental, centrado na abordagem das transacções homem-ambiente, é certo também que fenómenos da magnitude e complexidade de um meio urbano só podem ser abordados numa perspectiva de integração ecológica que reúna num mesmo processo urbanistas, geógrafos, técnicos da saúde e educação, psicólogos, sociólogos, antropólogos, arquitectos, engenheiros, decisores políticos e a própria população. Para a abordagem teórica e metodologicamente integrada dos fenómenos urbanos, nas suas múltiplas vertentes sociais, psicológicas, biológicas e físicas, propomos a utilização da expressão Ecologia Social. Esse movimento poderá eventualmente vir a constituir-se como um modelo integrado para a investigação em Ciências Sociais, superador das profundas clivagens que ainda hoje opõem uns aos outros, no plano conceptual como no plano das práticas, os múltiplos intervenientes na construção da Cidade.

Não deve portanto constituir motivo de surpresa que este número de PSICOLOGIA surja com uma participação minoritária de psicólogos, e assente em grande parte no contributo de investigadores vindos de outros domínios, como a Sociologia, a Arquitectura, o Urbanismo ou a Geografia. Pretendeu-se justamente esse resultado, como reflexo da impossibilidade de pensar a Cidade numa perspectiva unilateral.

LUIS SOCZKA

Investigador na Equipa de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
Professor no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.